

As Questões Militares no Comércio entre Macau e Nagasáqui em 1587

LÚCIO DE SOUSA*



Toyotomi Hideyoshi, à semelhança de alguns dos maiores líderes da História Mundial, tem origens humildes. Nascido na pequena vila de Owari, dedica-se na sua juventude ao mesmo ofício que seus familiares. Luís Fróis descreve os seus primeiros tempos, vivendo da agricultura e pesca:

“E como a prozapia de Quambacu não vem de sangue illustre, antes de vil e baixa estirpe, andava este e outros parentes seus, huns vivendo por agricultura, outros por artes de pescar e por outras industrias semelhantes.”¹

Inicialmente, o seu nome era Hiyoshimaru e pela sua fisionomia recebeu a alcunha de *saru*, ou seja, macaco, denunciando a sua aparência pouco atraente:

“Quambaco estava como no tabernaculo, longe que apenas se podião dali conhecer as particularidades da filozomia de seu rosto, que elle naturalmente tinha pouco vistozo.”²

Ainda jovem une-se ao clã de Oda Nobunaga, desempenhando funções atribuídas aos membros

das classes sociais mais baixas. A sua inteligência e coragem fazem-no rapidamente notado entre os seus pares, ascendendo socialmente com alguma rapidez. Não obstante as suas origens pobres e a ausência de linhagem, torna-se num dos mais importantes generais de Nobunaga. Muda então o nome para Hashiba.³ Após o assassinato de Oda Nobunaga e do seu filho mais velho, Oda Nobunata, em 1582, às mãos de um ambicioso general de nome Akechi Mitsuhide, Hashiba luta contra este na memorável batalha de Yamazaki. A derrota infringida às tropas de Akechi Mitsuhide deixa-lhe o caminho livre para a corrida da sucessão. O seu principal opositor torna-se então Oda Nobukatsu, outro dos filhos de Nobunaga, que, aliando-se a um brilhante estratega militar, Tokugawa Ieyasu, enfrenta Hashiba na Batalha de Komaki-Nagakute. Pela primeira vez Hashiba sofre um revés na sua ambição. Os resultados da batalha são inconclusivos e o empate, se bem que com elevadas baixas para ambos os lados, determina o Tratado de Paz firmado entre Hashiba e Oda Nobukatsu. As tréguas dariam o tempo suficiente para Hashiba convencer Tokugawa Ieyasu a tornar-se seu vassalo e a livrar-se dos oponentes. Entretanto, Hashiba desenvolve todos os esforços para obter o título de xogum, título que lhe conferia o prestígio dos grandes governantes japoneses. Todavia, as suas origens humildes não o permitem. Procurando contornar esse impedimento, pretende que Ashikaga Yoshiaki, o

* Doutorado em Estudos Asiáticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é investigador associado do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e investigador do Instituto Universitário Europeu, Florença.

Ph.D. in Asian Studies from Oporto's Faculty of Arts; researcher at the Centre for Overseas History of Lisbon's Universidade Nova and at the European University Institute, Florence, Italy.

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

último xogum Muromachi, o adopte como filho, mas vê recusada essa pretensão. Em 1585, impedido de ter o título que pretendia, assume o de *kampaku*, regente,⁴ e em 1586 recebe da corte imperial o seu novo nome, Toyotomi.

“Faxiba Chicugendono,⁵ como dezeja sobre todas as couzas alevantar e sublimar a sua honra, foi-se ao Miacó⁶ receber de Vô, rey de Japão, a mais sublime dignidade e alto grao de quantos lhe podia dar, que foi fazê-lo Quambacodono, que hé logo a segunda pessoa immediata na honra depois de Vô.”⁷

A partir deste momento tornar-se-á conhecido para a História como Toyotomi Hideyoshi. Na nova ambição de unificar o Japão sob o seu poder, subjugava a província de Kii e conquista Shikoku, derrotando a família Chosokabe. Etchu é a seguinte região a submeter-se, enquanto se prepara para conquistar Kyushu. A sua ferocidade, a par com a sua habilidade e génio na estratégia militar, conduzem à rendição do poder dominante nesta região, Shimazu Ysoshihisa de Satçuma. Enquanto procede à redistribuição dos territórios recém-conquistados emite, em 1587,⁸ o primeiro édito anti-cristão, banindo aparentemente os missionários do Japão⁹ e passando a exercer o controlo sobre a cidade e porto de Nagasáqui, doados, em 1580, à Companhia de Jesus.¹⁰

Até essa altura, Hideyoshi, à semelhança do seu antecessor Oda Nobunaga, era visto como um aliado do Cristianismo, ao qual algumas das pessoas que ocupavam altos lugares na corte se tinham convertido. Entre elas Takayama Ukon, chefe do seu exército pessoal, Kuroda Yoshitaka, oficial do seu exército pessoal, Konishi Yukinaga, um dos seus grandes generais, Gamo Ujisato, um brilhante capitão, Manase Dosan, um importante intelectual que ocupava o cargo de médico da corte, entre outros. Além disso, Toyotomi fora também muito pródigo para com os jesuítas, concedendo-lhes importantes terrenos para construírem igrejas e zelando pela sua protecção, como aconteceu com a igreja e residência em Osaca, junto ao seu castelo, onde tinha ido escolher o terreno para a respectiva edificação.¹¹ Anos mais tarde, Hideyoshi visita o seminário e conversa amistosamente com o superior, Pe. Cespedes, e com o irmão Lourenço. Quando o vice-provincial Gaspar Coelho visita a residência de Osaca, em 4 de Maio de 1586, é recebido em audiência por Hideyoshi no castelo. Das pretensões apresentadas

por Gaspar Coelho, a primeira consistia em obter do governante japonês uma patente que possibilitasse a pregação do Cristianismo por todas as províncias do Japão, sem qualquer impedimento.

Pretendia ainda a anuência do governante para que nas casas e igrejas da Companhia de Jesus se agasalhassem ou albergassem soldados, como acontecia nos outros templos japoneses.

O terceiro pedido consistia em isentar a Companhia de Jesus das obrigações municipais a que estavam sujeitos os indivíduos das vilas e cidades japoneses.¹²

Estas pretensões acabariam por ser acolhidas por Hideyoshi que, além de se mostrar particularmente favorável aos jesuítas, lhes concede duas patentes, uma para percorrer o Japão e outra para ser enviada para a Índia e Portugal. Este mesmo documento encontra-se traduzido do japonês por Luís Fróis:

“Acerca de morarem os Padres em todas as terras do Japão, dou licença para isso, e privilegios para ficarem livres de os soldados se agazalharem em suas casas, e de todas as obrigações que há nos mosteiros dos bonzos. E acerca da propagação de sua ley não haja estorvo nem impedimento.

Aos quatro dias da quinta lua, aos quatorze annos da hera de Tenxo (20 de Junho de 1586).

Hideyoshi”¹³

Juntamente com Luís Fróis, sete jesuítas, quinze *dojucus* e seis seminaristas, visitaram durante algumas horas os quartos e tesouros do magnífico castelo,¹⁴ escoltados por Takayama Ukon.¹⁵

O relato feito por Luís Fróis na sua *Historia de Japam* da conversa entre Hideyoshi e o vice-provincial Gaspar Coelho é particularmente credível, já que o autor se encontrava presente, desempenhando a função de intérprete. Depois de se sentar junto do vice-provincial, quebrando o protocolo, Hideyoshi falou dos seus projectos. Recorda alguns episódios ocorridos no tempo de Nobunaga enquanto elogia o trabalho evangelizador dos padres europeus. Propiciando um ambiente extraordinariamente agradável, descreve a Gaspar Coelho os seus projectos de conquista, assim como solicita a sua ajuda na obtenção de duas grandes naus portuguesas, convenientemente armadas e com oficiais portugueses, para o ajudarem na conquista da China:

“E que da mesma maneira, tendo elle chegado àquelle estado e sugeito asy todo o Japão, não pertencia já reynos, ouro nem prata, de que tinha

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

grande abundancia, nem outra couza alguma mais, que deixar quando morresse nome e fama de seo poder. E que determinava consertar as couzas de Japão de maneira que tomassem assento, e que feito isto, o entregaria a seu irmão Minodono e elle entenderia na conquista dos reynos de Corea e da China, e que para isso mandava cortar madeira para della fazer duas mil embarcações, em as ques passasse seo exercito. E que para sua pessoa não queria outra ajuda dos Padres mais, que negociarem-lhe duas naos grandes bem aparelhadas, as quaes tão pouco queria de graça, senão pagá-las, e todo necessario para ellas: e que fossem os officiaes bons, aos quaes daria renda e prata, e que se elle morresse nesta empreza não lhe dava nada, pis, como dizia, não pertendia mais que deixar nome de sy e cometer couza que nenhum snehor de Japão athé agora intentou.”¹⁶

Efectuada esta proposta, Hideyoshi indica a Gaspar Coelho que faria com que todos os coreanos e chineses se tornassem cristãos, regressando depois ao Japão. Evidentemente que estas palavras maravilharam Gaspar Coelho, além de que o governante japonês o aliciava dizendo “que ainda havia de fazer christãos a metade ou a mayor parte de Japam.”¹⁷ Nem a *História*

do Japam nem as *Cartas de Évora* revelam a resposta de Gaspar Coelho a estas solicitações de Toyotomi Hideyoshi, as quais, no entanto, se encontram numa carta escrita por Alessandro Valignano anos mais tarde.¹⁸

Contrariando as determinações expressas de Valignano para não interferir na política japonesa,¹⁹ Coelho, não apenas concorda com Hideyoshi como assegura ajuda ao dáimio cristão de Kyushu contra Satçuma e Ryuzoji Masaie.²⁰ Relativamente aos dois barcos portugueses solicitados pelo governante japonês, Coelho,²¹ além de prometer providenciá-los, ainda assegura ajuda por parte do Estado da Índia, algo que Hideyoshi não tinha requerido, para grande descontentamento do jesuíta Organtino e de Takayama Ukon,²² e para satisfação de Seyakuin Zensō,²³ grande opositor do Cristianismo. Após esta conversa, tantos os nobres cristãos como o jesuíta Organtino ficaram muito preocupados, tendo percebido que aquele assunto mais não era do que uma forma de Hideyoshi inquirir sobre as verdadeiras razões da estadia dos jesuítas no Japão:

“Por esta causa creía [Hideyoshi] que nuestros Padres venían a Japón, con tantos trabajos desde tan lejos, en parte sólo por adquirir nombre y fama, como él hacía, y que después de la muerte no había otra cosa. Y siendo ésta una buenísima ocasión de tratar de la

Inácio Monteiro (?), Mapa do Japão, c. 1581. In Nuno Calado, coord., *Macau: Cartografia do Encontro Ocidente-Oriente*, Macau, CTMCDP, 1994.



ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

*inmortalidade del alma y otras cosas de nuestra santa ley (como siempre deseamos e hicimos hasta entonces) queriendo yo hablar de esto con mucha instancia, no me dio nunca lugar de hablar el Padre Luis Frois, por continuar su comenzada plática de guerra y conquista y del poder del Padre Gaspar Coelho. Con esto se acabó la visita con gran desconsuelo mío y de todos los señores cristianos. Vueltos a casa, el secretario mandó aquí una embajada doliéndose mucho y advirtiéndonos que tal hablar delante de Quambaquodono disgustó a todos por ser cosa de mucha presunción y perniciosa.*²⁴

O que Gaspar Coelho não compreendia é que os seus diversos estratagemas bélicos e a intromissão nas contendas entre senhores feudais²⁵ tinham sido muitas vezes descobertos e chegado ao conhecimento de Hideyoshi. E que, segundo Valignano, esta solicitação ao vice-provincial não representaria mais do que uma armadilha de Hideyoshi para saber qual a verdadeira intenção dos jesuítas no Japão, se meramente religiosa ou também política, assim como para perceber qual o verdadeiro poder que estes tinham junto dos portugueses. Não nos esqueçamos que uma das principais críticas efectuados pelos religiosos e senhores feudais não-cristãos à Companhia de Jesus era que, sob o disfarce da evangelização do Japão, procuravam sublevar os japoneses contra o poder central e em favor de um rei estrangeiro.²⁶ Alessandro Valignano escreve numa das suas cartas que Hideyoshi, ao obter aquelas respostas do vice-provincial, deve ter pensado quão rico e influente este seria e que lhe poderia vir a fazer guerra, como acontecera com Ishiyama Hongwanji em relação ao falecido Oda Nobunaga.²⁷

A resposta de Gaspar Coelho demonstrava que a Companhia de Jesus usufruía de elevada influência junto dos portugueses, tanto religiosa como política e militar.

Depois de uma campanha militar de Fevereiro a Maio de 1587, a pedido do daimio cristão Otomo Sorin, Hideyoshi consegue que as forças de Shimazu Yoshihisa, um daimio anti-cristão que tentava conquistar Kyushu, recuem e capitulem, precisamente na região onde a Companhia de Jesus tinha maior influência, e de seguida distribui a maior parte das terras por daimios cristãos.

Entretanto, Gaspar Coelho é novamente bem recebido por Hideyoshi em Yatsushiro, Higo. Algum tempo mais tarde voltam a encontrar-se, desta vez em

Hakata. Coelho dirige-se ao encontro do governante a bordo de uma fusta portuguesa. Surpreendente é o facto de Gaspar Coelho ter mandado construir esta fusta, que armara, para poder favorecer os senhores feudais cristãos nas suas guerras, o que descarta a ideia de ter sido construída com uma finalidade exclusivamente defensiva. Neste encontro Hideyoshi admiraria a embarcação e possivelmente terá visto confirmadas as suas suspeitas de que o Cristianismo propagado pela Companhia de Jesus não era, de forma alguma, uma religião pacifista. Aparentemente, a reunião com os jesuítas decorreu com normalidade, concedendo-lhes Hideyoshi algumas propriedades em Hakata. Sabendo que o capitão-mor da “viagem do Japão”, Domingos Monteiro, se encontrava em Hirado, pede para o ir visitar ao porto de Hakata. Não conseguindo efectuar a manobra (levar a nau oficial até Hakata), Domingos Monteiro vai a Hakata numa fusta portuguesa, pedir pessoalmente desculpas a Hideyoshi o qual prontamente as aceita e o presenteia.²⁸ Pensa-se que nessa mesma noite Seyakuin Zensō, que no ano anterior estivera presente na audiência em Osaca, terá incitado Hideyoshi a tomar medidas contra o crescente poder do Cristianismo no Japão. O trecho que aqui revelamos permaneceu secreto durante vários séculos, tendo por vezes sido referido por historiadores de renome mundial como Charles Boxer. A sua publicação integral deve-se a Álvarez-Taladriz. A análise desta carta tem permanecido inédita na Europa, apesar de no Japão ser sobejamente citada e traduzida pelos grandes historiadores japoneses:

“Oltreciò per poter il detto Padre meglio favorire e aiutare nelle sue guerre questi signori, fece fare una fusta e comprò alcuni tiri d’artiglieria contra ordine e ragione, e quel ch’egli stesso iva in persona di qua e di là con quella fusta, e venne á tanta indiscretion che quando Quambacudono (hora tre anni sono) venne a conquistare questi regni de Ximo stando con il suo esercito nella Città di Facata fu il Padre Gaspar Coeglio a visitarlo ivi per mare con la detta fusta, molto imbandeirata, como se fusse stato algun grande Capitano, e come simile navigio era cosi guerriero, inusitato e novo in questo Giappone commose a maraviglia tutto quell’esercito di tal modo ch’il proprio Quambacudono fu in persona a vederla intrando dentro e riguardandola e considerandola parte per parte tutta, e dipoi laudandola grandemente all’istesso Padre Gaspar Coeglio, e dicendo ch’era guerriera, etc., ma

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

nell'intrinseco si confirmó magiormente nella sua opinione. Diede questo nel cuore molto alli signori christiani, specialmente a Çiusto Ucondono, e al Agustino, che conoscevano bene il cuore e natura di quest'huomo, subito siddero che temevano grande ruina alla Compagnia e alla christianità con questo modo di procedure del Patre e per dare alcun rimedio a così grande errore persuasero al Patre che donesse quella fusta a Quambacudono dicendogli che aveva fatto fare per lui stesso, e questo medesimo gli consigliarono alcuni Patre che stavano ivi, ma in nessun modo gli lo potero persuadire tanto che Agustino gli venne a dire che se non dava quella fusta a Quambacudono intendeva senza dubio che verria alcuna ruina alla Compagnia, ma nulla grovo il suo dire parendogli che già era tanto favorito pronto al suo servitio, ma advennagli ben al contrario, perchè quella istessa notte pigliando Tocun, chéra il bonzo di che habbiamo parlato in altra lettera [Seyakuin Zensō] occasione di parlare contra noi lo mosse a tanto ímpeto e tanta colera che venne a dar in questa persecutione.”²⁹

Este ex-monge, Seyakuin Zensō, terá denunciado a cada vez maior influência dos padres sobre os dáimios cristãos e a fidelidade deste últimos, principalmente Takayama Ukon. Terá levantado o dedo acusador contra a influência dos jesuítas na destruição de templos budistas e santuários xintoístas, assim como na perseguição dos seus monges e na conversão forçada dos seus seguidores. Terá ainda apontado o facto de os portugueses comerem carne de vaca, algo considerado maléfico.³⁰ Igualmente considerado foi o tráfico de escravos japoneses protagonizado pelos portugueses, realidade que Hideyoshi tinha tido oportunidade de constatar pessoalmente. A raiva do *kampaku* mais se acentua quando, após ter despachado uma mensagem para Takayama Ukon na qual o intimava a abandonar o Cristianismo sob pena de ser exilado, este rejeita renunciar à fé cristã, optando pelo exílio.³¹ Ao receber esta resposta, Hideyoshi possivelmente terá concluído que a influência da Companhia de Jesus era demasiado perigosa para continuar a ser tolerada. É neste contexto que envia três perguntas a um vice-provincial aturdido e estupefacto. A primeira, relativamente à verdadeira razão da evangelização e aos métodos utilizados na conversão, incitando os japoneses a converterem-se ao Cristianismo. Paralelamente, proibia os jesuítas de continuarem a propagar a religião, determinando o seu regresso à China

em caso de desobediência. Hideyoshi comprometia-se a pagar aos jesuítas os investimentos feitos nas suas residências no Japão, assim como dez mil fardos de arroz, o que equivalia a dez mil cruzados. Luís Fróis acrescenta que estas palavras de Hideyoshi eram falsas:

“A primeira, qual hé a rezam porque vós outros fazeis [christãos] nesta terra de Japão da maneira que athé aqui as fizestes? Melhor fora que vos acomodareis aos bonzos das outras seitas, as quaes pregão em suas cazas e templos, mas não andão com tanta sede incitando a gente de huma parte para a outra que se fação de sua seita como vós outros. Pelo qual daqui por diante vos recolhei todos cá no Ximo e não cureis de propagar vossa seita, mais que pela via ordinaria corn que os religiosos bonzos de Japão procedem: e se não quizerdes fazer isto, podeis-vos todos tornar para a China. Eu mandarei tomar posse das cazas e igrejas do Miacó, Vozaca e Sacai, e vos mandarei dar o fato que nellas tendes. E se por não vir a nao da China este ano não tendes possibilidade para vos tornardes, nem despeza para o caminho, eu vos mandarei dar dez mil fardos de arroz, que valem perto de dez mil cruzados, com que vos torneis. – Mas todas estas promessas eram falsissimas.”³²

Com a segunda questão pretendia conhecer o motivo pelo qual os padres e comerciantes portugueses comiam cavalos e vacas, animais úteis ao homem. Os cavalos, por transportarem e servirem na guerra, e os bois, por lavrarem a terra. Hideyoshi comprometia-se a mandar caçar outros animais, para que o Japão não ficasse com carência de cavalos e bovinos:

“A segunda couza foi: qual he a razão, porque vós outros comeis cavalos e vacas, sendo couza tão fora de rezão: porque os cavalos são feitos para os homens aliviarem seo trabalho nos caminhos, e para acarretarem o fato e servirem na guerra; e as boys para lavrarem as terras com elles, e são instrumentos para os lavradores cultivarem a terra; mas, se vós outros os comerdes, ficão os reynos de Japão defraudados destas duas ajudas, que para os homens são tão principaes. E se os portuguezes que vem na nao da China também se não atrevem a viver sem comer cavalos e vacas, e vós com eles: eu, que sou senhor de todo Japão, mandarei cassar muitas veados, porcos montezes vivos, adibes, rapozas, galinhas do mato, bugios

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

e outros animaes, e os terei em hum viveiro para que vades comendo delles e não destruais a terra dos animaes necessarios para o bem da republica e, quando não, antes não quero que a nao venha a Japam.”³³

A terceira questão prendia-se com o comércio de escravos japoneses praticado pelos portugueses no Japão:

“A terceira: eu tenho sabido que os portugueses e os sioens e cambojas que vem a estas parses fazer suas fazendas, comprão grande numero de gente e a levão cativa para seos reinos, desnaturando os japões de sua patria, de seos parentes, filhos e amigos, e isto he couza insufriavel. Pelo que o Padre faça que todos as japoens que athé agora se venderão, para a India e para outras partes remotas, sejam outra vez restituídos a Japão; e quando isto nam for possivel por estarem longe em reinos remotos, ao menos os que agora as portugueses tern comprados os ponhão em sua liberdade, e eu darei a prata que the custarão.”³⁴

Gaspar Coelho, surpreendido, não deixará de responder a estas três questões, procurando inocentar a Companhia de Jesus e os portugueses.

Relativamente à primeira questão, o jesuíta alega que o único objectivo da evangelização era salvar os homens e, por esse motivo, os religiosos da Companhia de Jesus tinham passado muitas dificuldades e despesas durante a viagem e estadia no Japão. Seguidamente, defende os jesuítas, afirmando que nunca tinham instruído os japoneses a forçar os seus semelhantes a converterem-se ao Cristianismo, o que, como se sabe, não corresponde à verdade.³⁵ Sobre a acusação de os jesuítas viajarem pelos diferentes reinos para pregarem o Cristianismo, Gaspar Coelho afirma ser correcto, justificando que de outra forma os ensinamentos cristãos não se propagariam no Japão:

“E respondendo ao primeiro capitulo, disse o Padre: que era verdade que nós vinhamos de Europa corn muitos trabalhos, perigos e despesas somente a pregar aos jappões a ley do Criador dos ceos e da terra, e do verdadeiro caminho que os homens podião ter para se salvos, sem nunca fazer força a pessoa alguma, por não haver nação no mundo, ao que parece, que nesta parte seja mais livre que os jappões, e a quem se possa menos fazer força, e que somente a rezão e a verdade erão os que fazião; e que por serem os japõens

naturalmente muito racionaes, convencidos do que ouvião desta ley, deixavão corn facillidade de adorar seos idolos por entenderem no haver nelles salvação. E que quanto a andarmos de reyno em reyno, de huma parte para outra fazendo esta persuasão aos homens, era verdade porque, de outra maneira, por nós sermos estrangeiros e a doutrina que lhes pregavamos nova e peregrina a seos ouvidos, que se os não fossemos buscar não podíamos propagar o que pertendíamos.”³⁶

Quanto à segunda pergunta, Gaspar Coelho responde que os religiosos não comiam carne de cavalo, nem de outros animais que os japoneses comiam. Quanto à acusação de comerem carne de vaca, o jesuíta afirma ser verdadeira, em parte porque na Europa eram criadas com essa finalidade grandes manadas de gado, não prejudicando os “governos” nem a “agricultura”. Afirma também que, no Japão, os únicos padres que comiam carne de vaca eram os que viviam nos portos. Os religiosos que se encontravam dispersos pelo interior do Japão já se tinham adaptado à dieta alimentar japonesa. Contudo, apesar de não saber se estes iriam obedecer, avisaria os mercadores portugueses que viessem ao Japão para não comerem carne bovina, mesmo que os os comerciantes japoneses lhes fossem vender vacas. Gaspar Coelho pretendia demonstrar que os principais culpados da situação eram os japoneses, que se dirigiam ao porto para vender gado aos portugueses:

“Quanto ao segundo, que nos reynos donde vinhamos não era costume comer cavalos, nem outras couzas que os jappõens comião, scilicet, bugios, gatos, ratos, rapozas, adibes e outras semelhantes; mas que era verdade que se comia vaca por ser antiquissimo costume no mundo, e que se uzava disto em nossas terras sem nenhum detrimento das republicas, nem da agricultura, porque se criavão para este effeito grande multidão de gados; e que os Padres que estavam nos portos, aonde vem os navios dos portugueses, algumas vezes a comião por se acharem alli corn as seos naturaes, mas que os que estão dispersos pelos reynos do Goquinai e de outras partes remotas, estão já habituados a passarem corn os mantimentos ordinarios de Japão. E que quanto aos portugueses mercadores que vinhão a Japão, os Padres os avizarião disso, ainda que, se os japõens lhas vinhão vender, não sabia se deixarião de uzar dellas.”³⁷

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II



Nagasaki. Desenho sobre papel, ca. 1660 (Museu da cidade de Nagasaki).

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

Relativamente à terceira pergunta, sobre a escravatura, Gaspar Coelho afirma que estes eram vendidos pelos comerciantes japoneses aos portugueses:

“Quanto ao terceiro de comprar e vender os jappõens, que este era hum dos pontos principaes que o Padre trazia em huns apontamentos para pedir de mercê a Sua Alteza, que mandasse corn muy rigurozas penas prohibir isto, porque realmente era grande discredito e abatimento de gente de tanto primor e honra, como são os jappõens, venderem-se huns aos outros, nem entre sy nem para fora de seos reinos; e que esta abuzão era somente propagada por estes nãve reynos do Ximo e nao pelas partes do Goquinai e do Bandou; e que bem de trabalho tinhão padecido nossos Padres nesta materia, trabalhando por impedirem esta venda e cativoiro: mas que o que principalmente era necessario, havia de ser a exacta prohibição dos tonos, senhores dos portos, onde vem as navios dos estrangeiros fazer suas fazendas.”³⁸

Estas respostas acabariam por não conseguirem atenuar o descontentamento de Hideyoshi. No entanto, teria sido esta mudança repentina do *kampaku* espontânea ou premeditada, como nos procura fazer crer Luís Fróis na sua *Historia de Japam?* Hideyoshi era um brilhante estratega militar, conseguira vencer a situação de pobreza em que nascera e tornar-se no homem mais poderoso do Japão. Não nos parece que um homem com estas características e provas dadas pudesse ter tomado uma atitude irreflectida, por muito irascível que a sua personalidade fosse. A única constatação óbvia que podemos fazer é que apenas tinha um aliado, o poder, e que qualquer pessoa ou entidade que ameaçasse a sua hegemonia era impiedosamente destruído. As fontes legam-nos indícios mais que suficientes para constatar a intromissão da Companhia de Jesus no plano político e as missivas secretas que apresentamos acrescentam diversas justificações para o édito anti-cristão, demonstrando igualmente que a atitude de Hideyoshi perante a Companhia de Jesus não teria sido precipitada ou infundada, antes bem fundamentada já que, como Organtino resume de forma brilhante, Coelho exercera o seu cargo de vice-provincial da Companhia mais como “um capitão de armas do que como um pastor de almas.”³⁹

E que melhor procedimento para controlar a Companhia de Jesus do que ilegalizar o Cristianismo no Japão? Este procedimento não tornaria a Companhia mais dependente dos favores de Hideyoshi e, assim, mais manipulável e sujeita aos seus desígnios? As fontes indicam-nos que sim, já que os jesuítas procuraram por todos os meios satisfazer os favores de Hideyoshi de forma a recuperar a legalidade da sua presença no Japão. Teria este, no entanto, verdadeiramente intenção de expulsar os padres do Japão? Tentaremos responder seguidamente a esta questão.

Segundo Fróis, na manhã seguinte a ter recebido a resposta às suas perguntas, Hideyoshi ter-se-ia levantado cedo e, reunindo a sua nobreza, ter-lhes-ia afirmado que a adesão ao Cristianismo significava perder os seus próprios cultos e leis. Parece-nos que, com estas palavras, quis expressar que os japoneses, ao aderirem a uma religião forasteira, perderiam a sua identidade, tornando-se susceptíveis perante ameaças estrangeiras. Além destas afirmações, Hideyoshi ainda caracteriza depreciativamente os jesuítas:

“Estes naturalmente são homens de grande saber e industria, e para authorizarem sua doutrina forão-se athé agora ajudando de meus favores e sombra; e do que me peza hé de meos sobrinhos e de dous fidalgos que poderão facilmente cahir na falacia e engano destes, porque trazem a peçonha nas palavras eloquentes, bem compostas e aparentes, e em couzas doces que vos dão a comer: e se eu não tivera muita advirtencia e andara sobre mim, já me houverão tambem de ter enganado.”⁴⁰

Como podemos depreender destas palavras, Hideyoshi já se encontrava de sobreaviso em relação à Companhia de Jesus, pelo que possivelmente a sua atitude, a 25 de Junho de 1587, não teria sido propriamente irreflectida, antes fruto de um largo período de observação e análise.

Seguidamente, Hideyoshi compara a Companhia de Jesus aos *Ycoxos*, uma seita religiosa que lutara contra o poder político no Japão. Considera mesmo o Cristianismo e os respectivos laços de obediência religiosa ainda mais perigosos do que os *Ycoxos*, já que procura conquistar a grande nobreza japonesa e por esta via o Japão.⁴¹

Depois deste inflamado discurso, Hideyoshi determina que dois dos seus vassallos questionem Gaspar Coelho porque razão os cristãos destruíam “os templos

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

dos camis e fotoques, e lhe queimarão as imagens, e fazem outros insultos semelhantes.”

Mais uma vez Gaspar Coelho, desastradamente, produz uma resposta desrespeitosa e irreflectida, considerando que nos cultos religiosos dos japoneses não residia a “salvação”, sendo por isso vazios sendo esse o motivo que levava os cristãos a destruírem os templos japoneses:

“Dizei a Sua Alteza que os Padres não tem conta com os camis e fotoques nem com as suas estatuas, porem os christaos depoes de ouvirem nossa doutrina e conhecerem a verdade, e entenderem que fora desta ley que professamos em outra nenhuma há salvação, e vendo que os camis e fotoques lhe não servem para nada, nem os templos em que estão postos: sendo elles mesmos japoens e criados de meninos nas seitas e doutrina de seos bonzos, todavia convencido(s) da luz e da verdade, em que se achão depoes de serem christãos, elles de seo proprio moto, sem nenhuma persuasão nem instancia nossa, os quebrão às vezes e destroem por lhe não aproveitarem, nem para a salvação nem para as couzas desta vida.”⁴²

É óbvio que Hideyoshi terá ficado desagradado com esta resposta, na medida em que desrespeitar os cultos japoneses era faltar ao respeito às leis japonesas que emanavam destas mesmas tradições, para não falar que quem instruía os japoneses a actuarem desse modo, eram os padres jesuítas.

É na sequência deste momento atribulado que é emitido o primeiro édito anti-cristão:

DETERMINAÇÃO DO SENHOR DA TENCA

- 1.º Porquanto Japão he reyno de camis, e do reyno dos christãos vem cá dar huma ley dos deronios, em grandissirna maneira hé couza mal feita.
- 2.º Vindo estes aos reynos e estados de Jappão, fazem a gente de sua seita, para o qual destroem os templos dos camis e fotoques, e isto hé couza agora nem dantes nunca vista nem ouvida em Japão. E quando o senhor da Tenca dá aos homens reynos, lugares, villas e rendas, não he mais que pelo tempo presente, e elles são obrigados a guardar inteiramente as leys e determinação da Tenca; mas fazer a

gente plebea outras perturbaçõens semelhantes a estas he couza digna de castigo.

- 3.º Se o senhor da Tenca tiver por bem que, segundo a vontade e intensão dos christãos, os Padres procedão corn sua ley de sabedoria (assim como temos dito atraz), se ficão quebrantando as ley[s] de Japão; e sendo isto couza tão mal feita, determino que os Padres não estejão nas terras de Japão. Pelo que de hoje a vinte dias, consertando suas couzas, se tornem para seo reino; e se neste tempo alguem the fizer algum mal, será por isso castigado.
- 4.º Porquanto a não vem fazer sua fazenda, e he couza muy diferente, podera fazer sem impedimento.
- 5.º Daqui por diante não somente mercadores, mas quaesquer outras pessoas que vierem da Índia, e não fizerem estorvo as leys dos camis e fotoques, podem vir livremente a Japão, e assim o saibão.

Aos 15 annos da hera de Tenxo, aos 19 dias da sexta lua.⁴³

Pouco tempo depois, as autoridades Filipinas tomavam conhecimento deste édito, logo pensando que a Companhia de Jesus tinha sido expulsa definitivamente do Japão. Na realidade, Gaspar Coelho tinha conseguido negociar a expulsão dos jesuítas, argumentando que não tinham transporte a não ser para dali a seis meses.

Tendo acedido, Hideyoshi envia os padres para Hirado juntamente com os irmãos japoneses enquanto aguardavam pela partida. Mais uma vez Gaspar Coelho volta a agir precipitadamente. Depois de ter falhado no aliciamento do dáimio de Arima contra Hideyoshi, contacta Macau, Goa e Manila para que lhe providenciem soldados e armas. Apenas recebe armas de Goa.⁴⁴ Não pensemos, no entanto, que este comportamento de Gaspar Coelho era isolado já que, a 15 de Outubro 1587, o Pe. Pedro Ramón escrevia de Ikitçuko ao geral da Companhia em Roma que os jesuítas precisavam de ter uma base militar no Japão para poderem prosseguir a empresa evangelizadora.⁴⁵ O Pe. Melchor de Mora parece também ter sido uma das outras pessoas a favor deste plano militar.⁴⁶ Também ao próprio Organtino, segundo afirma, em tempos lhe “*pareció una vez bien que quizá sería bueno si el rey Felipe tomase el assunto, con una gran armada y ejército,*

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

de *subyugar todos estos reinos*”.⁴⁷ Valignano, contrário a este projecto, descreveria detalhadamente ao geral estes planos militares dos jesuítas, protagonizados por Gaspar Coelho, em carta enviada de Nagasáqui a 10 de Outubro de 1590.⁴⁸ Por esta ficamos a saber que Coelho enviara o Pe. Melchor de Mora a Macau para persuadir Valignano a iniciar um plano militar no Japão:

*“Ma egli [Gaspar Coelho], non cessando un punto della sua determinatione, se determinò, l'anno passato [1589] di mandare il Patre Belcior de Mora alla Cina (ch'era in ciò dell'istesso humore) perche, ritrovandome a me vivo nella Cina, mi persuadissee che non devena io passare a Giappone senza ducento soldati e buona provisione di mitraglie e munitioni, e medesimamente che procurasse con il Re Don Phelippo e con li sue governatori dell'Indie e Phelippine che mandassero soccorso a Giappone per difendere la christianità da questo tiranno.”*⁴⁹

Anos depois, referindo-se a estes acontecimentos, Valignano não deixa de expressar claramente a sua raiva *“ch'in verità ancor fin'hora resto fuori di mestesso sempre che mi metto a considerarlo”*.⁵⁰ O seu maior receio era que as autoridades das Filipinas utilizassem este pretexto e o pedido desesperado de Gaspar Coelho para interferirem na Missão do Japão:

*“E se per ventura me ritovasse morto fusse egli all'isole Phelippine a procurare questo soccorso, e di là si passasse a Spagna a trattar questo con il Re Don Phelippo e fusse a dare di tutto ragione a Vostra Paternità, conforme all'instructione ch'egli portava. li quali mandai a Vostra Paternità dalla Cina, meravigliandomi di si grande ardire e di tanto disordine.”*⁵¹

Efectivamente, a 1 de Agosto de 1588, Filipe II decreta em Valladolid que uma Ordem Religiosa não podia entrar para pregar a Religião onde uma outra já tivesse entrado.⁵² Este decreto régio visava expressamente impedir a entrada no Japão de outras Ordens Religiosas, que não a Companhia de Jesus. Contudo, o monarca ibérico receberia algum tempo depois uma carta das Filipinas, informando-o do pedido de ajuda de Gaspar Coelho, pedido esse que estaria na base da grande reprimenda efectuada pelo superior jesuíta de Manila à imprudência do vice-provincial Coelho.⁵³ Este pedido constituía a prova escrita de como a Companhia de Jesus no Japão não era capaz de gerir pacificamente o trabalho de evangelização, pelo era necessária a intervenção das Filipinas, assim como significava uma porta aberta

para que o *Patronato* castelhano interviesse na esfera de influência do Padroado português.

Quando Valignano chega a Macau a 28 de Julho de 1588, juntamente com os quatro jovens embaixadores japoneses que regressavam da Europa, fica ao corrente da verdadeira dimensão do desastre diplomático ocorrido entre Toyotomi Hideyoshi e o vice-provincial. Além de tomar conhecimento do édito anti-cristão, fica a conhecer os pormenores de como Coelho pretendia resistir à expulsão através das armas, das suas imponderadas missivas a pedir ajuda militar, das armas enviadas de Goa e dos seus insensatos contactos com dáimios cristãos para se rebelarem contra Hideyoshi. É difícil imaginar a reacção de Valignano para com o vice-provincial. Este conseguira deitar por terra os esforços de 40 anos de evangelização.⁵⁴ Para piorar a situação no Japão, na Consulta realizada pelos jesuítas em Tacacu, a 11 de Fevereiro de 1589, todos os padres, à excepção do jesuíta Organtino, aprovavam o projecto de vinda de forças armadas castelhanas das Filipinas.⁵⁵

Na sua carta escrita de Macau, e datada de 12 de Junho de 1589, Valignano mostra-se convicto de que os projectos militares de Coelho estavam directamente ligados com o édito anti-cristão de Hideyoshi:

*“era pedir a Su Magestad una guarnición de hasta trezientos o quatrocientos soldados españoles que hiziessen una fortaleza en Jappón, pareciendo al Padre Vice Provincial y algunos otros que con esto se asseguraria la christiandad de Jappón. Y para que esto se hiziesse más deprissa, embiavan a pedir este socorro al Governador de las Phelipinas, el qual Remedio no solo me parece que es inconveniente tratarse e procurarse por nos otros, y que tiene muchas dificultades y también impossibilidades de salir como el Padre Vice Provincial imagina, mas totalmente se me offrece por muy peligroso y dañoso para lo que pretendemos para la conversión de Jappō y esto lo tengo por tan cierto.”*⁵⁶

Este projecto militar seria veemente rejeitado por Valignano, que, aproveitando o facto de ter uma missiva do vice-rei de Goa para Hideyoshi, assim como o regresso da embaixada dos quatro jovens japoneses à Europa, se faria apresentar não como religioso, mas como diplomata do Governo de Goa, utilizando este subterfúgio para procurar demover Hideyoshi dos seus intentos em relação à Companhia de Jesus.

Valignano começa então a estudar estratégias para demover o *kampaku*. Conhecendo os planos de

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

Hideyoshi de invadir a Coreia e a China, envia de Macau, a 28 de Julho de 1589, uma carta ao geral da Companhia na qual manifesta a vontade de ameaçar Hideyoshi, dizendo que já não enviaria a “nau do trato”.⁵⁷ Numa outra carta ao geral, datada de 22 de Setembro de 1589, volta a enfatizar a pretensão de utilizar o comércio entre Macau e Nagasáqui como meio de adquirir influência junto dos nobres japoneses.⁵⁸

Valignano chega a Nagasáqui a 21 de Julho de 1590, sendo informado do falecimento de Gaspar Coelho (em Maio desse mesmo ano). Fica igualmente a saber que, dos quase 130 padres que se tinham reunido em Hirado para regressar a Macau, apenas três tinham realmente partido com a grande “nau do trato”. Os restantes repartiram-se pela região, continuando o trabalho de missionação de uma forma discreta, situação que não seria desconhecida de Hideyoshi. A seu tempo, os terrenos de Nagasáqui, Urakami e Mofi que haviam sido confiscados aos padres, são devolvidos e as igrejas, temporariamente fechadas, são discretamente abertas, voltando os jesuítas a adquirir o controlo desses territórios, agora administrados pelos nobres de Arima, Omura e pelo representante oficial do *kampaku*.⁵⁹ Além de ter conhecimento desta situação, Hideyoshi estava também informado da embaixada da Índia há já dois anos:

*“que oyó agora dos años que yo venia con esta embaixada, estando mui furioso y bravo contra la christiandad y contra los Padres se vio muy claramente que amansó e dio una provisión en que mandava que yo fuesse con la dicha embaxada, y assi sabiendo, según se cré que quedaron todos los Padres en Japón contra su mandado en las tierras del Rey de Arima, y de Omura, y de Amacusa, dissimuló con los dichos señores y con los Padres como se no supiera que estaban en Japón y contentó se con saber que bivian los Padres más encogidos y con las vestiduras algo más mudados.”*⁶⁰

Entre os dias 13 e 25 de Agosto de 1590, Valignano preside à Consulta de Cazusa onde procura dissuadir os padres jesuítas do recurso às armas no

processo da evangelização e a restabelecerem relações diplomáticas e bem mais cautelosas com Hideyoshi e com os restantes nobres japoneses.

Hideyoshi, ao tomar conhecimento que Alessandro Valignano chegara ao Japão na qualidade de representante diplomático do vice-rei de Goa, Duarte de Menezes, demonstra o seu contentamento pedindo-lhe que, assim que terminasse a sua campanha militar, fosse encontrá-lo em Quioto.⁶¹ Valignano é aconselhado por diversos dáimios cristãos⁶² a fazer-se acompanhar por um número de seculares superior ao de religiosos, para conferir maior respeitabilidade à representação diplomática e para demonstrar que não se tratava de um embuste.



Toyotomi Hideyoshi

Valignano chega a Quioto em Dezembro de 1590, fazendo-se acompanhar pelos padres Diogo de Mesquita e António Lopes, 13 comerciantes portugueses, quatro jovens embaixadores, sete criados portugueses e os irmãos portugueses Ambrósio Fernandes e João Rodrigues Tçuzzu como intérpretes. A 3 de Março de 1591 é recebido solenemente por Hideyoshi no seu palácio, numa altura em que este se preparava para dar início à invasão da Coreia e da China. Evidentemente que ao favorável acolhimento não eram alheios os seus interesses económicos relativamente à “nau do trato”, cujo comércio ajudaria a financiar a própria guerra. Enquanto Hideyoshi preparava a resposta para enviar ao vice-rei português em Goa, é permitido a Valignano visitar o Japão livremente, aproveitando este a oportunidade para verificar o trabalho de diversas missões jesuítas distribuídas pelo país. Hideyoshi permite igualmente a João Rodriguez Tçuzzu a estadia no Japão.

A 19 de Agosto de 1591 chega de Macau a “nau do trato” capitaneada por Roque de Melo Pereira. Dois regedores instruídos por Hideyoshi, Nabexima Navoxighe e Mori Yoxinari, monopolizam as mercadorias portuguesas e tentam comprar a um preço demasiado baixo todo o ouro transportado na nau, com prejuízo para os comerciantes. Estes, perante a situação de claro dano, insistem em ser intermediados pelos jesuítas como era habitual.⁶³ O regedor Mori Yoxinari

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

insurge-se contra esta solicitação, o que provoca grandes protestos entre os portugueses. Em resultado deste conflito, Roque de Melo Pereira envia, a 2 de Setembro de 1591, uma carta a Hideyoshi, protestando contra este procedimento, criticando o comportamento dos dois regedores e aludindo à missiva diplomática do vice-rei de Goa cujo objectivo era facilitar o trato entre as duas nações, pelo que pedia o levantamento das restrições impostas. Hideyoshi ao receber este protesto, percebendo que não poderia continuar com os seus intentos, liberta os comerciantes portugueses das restrições impostas pelos dois regedores, na carta patente de 26 de Setembro de 1591.

“Estou informado que os meus regedores cometeram algumas desCortesias contra vós que vos hão causado grande incómodo após a chegada a Nagasaki. Recebi a vossa carta onde me relata tal facto e pretendo castigar os responsáveis por este contratempo. Vós podereis comerciar aqui tranquilamente quaisquer mercadorias. Digo mais: vós podereis fazer qualquer reclamação contra todas as possíveis contrariedades, mesmo as mais pequenas. O que agora vos confirmo ser-vos-á igualmente transmitido por Curoda Yoxitaca e Natçuca Masaiye.

9 dias da oitava lua

Goxuin

Ao capitão-mor do Curofunne (navio preto)”⁶⁴

Este incidente, juntamente com a embaixada diplomática de Valignano, revela a verdadeira importância dos jesuítas. Eram os únicos intermediários entre os portugueses e os japoneses, representavam as mais altas autoridades políticas e, sem eles, Hideyoshi receava que não se pudesse conservar o trato entre Macau e Nagasáqui. Esta situação é distintamente revelada por Valignano, que, informado por Organtino dos acontecimentos subsequentes à sua visita, descreve em pormenor os debates ocorridos na corte. Somos informados que o tema central que ocupava Hideyoshi e os principais súbditos era esclarecer se a eventual expulsão definitiva dos religiosos do Japão se traduziria ou não no corte definitivo das relações comerciais com Macau.⁶⁵ Pretendendo averiguar se a embaixada portuguesa à corte era verdadeira, Hideyoshi manda chamar à sua presença João Rodrigues,⁶⁶ que alguns meses antes servira de intérprete de Valignano. Inquirido sobre as verdadeiras intenções da embaixada, dos seus representantes e se existiriam nas terras *Namban* (Índia)

apenas cristãos, Rodrigues responde de forma exemplar a Hideyoshi o qual

*“dijo que el Hermano había respondido muy bien y que daba muy buena razón de lo que decía, y que holgaba de saber que también en la Índia había muchas sectas, porque así era en Japón donde cada uno seguía la ley que quería, acrecentando que cuanto a la gente baja poco importaba aunque fuese cristiana.”*⁶⁷

Estas informações seriam retiradas de diversas cartas recebidas por Valignano, umas escritas em Quioto por Organtino e por Rodrigues a 6 de Setembro de 1591, e que chegariam às mãos do Visitador a 6 de Outubro pela noite, e outras escritas a 23 de Setembro de 1591, recebidas pelo visitador a 8 de Outubro.⁶⁸ Estas missivas, hoje perdidas, demonstram que as palavras de Alessandro Valignano se baseiam em fontes primárias relatadas pelos próprios intervenientes neste episódio.

Hideyoshi determina então que dez membros da embaixada⁶⁹ permaneçam no Japão como mediadores comerciais, não indicando expressamente os jesuítas, para não revogar o seu édito anti-cristão. De qualquer forma, este procedimento significava a quase anulação deste e “na sombra destes dez poderiam ficar pacificamente todos os outros”⁷⁰:

*“Com que se entendeu que elle estava já muito mais brando, e que para assegurar a continuação do trato da nao e o retorno do que mandava, queria que ficassem os Padres em Nangazaqui. Mas por não mostrar que se mudava, e também por nos ter mais encolhidos, para não tomarmos licença de fazer como primeiro na obra da conversão, tomou este meio de dizer que ficassem alguns companheiros do embaixador. [...] Quambaco mandava que ficassem dez de seos companheiros, todas as couzas se farião ao diante muito bem, mas que todavia lhe encomendava que não fossem fazendo christandade por agora.”*⁷¹

Quanto à resposta a ser enviada pelas autoridades centrais japonesas ao vice-rei de Goa, foi inicialmente pensada com três pontos, sendo o último de cariz ofensivo. Afirmava que, se por um lado continuava a ser permitido o trato entre Macau e Nagasáqui, o Cristianismo continuava a ser prejudicial ao Japão, pelo que apenas eram permitidos o Confucionismo, o Budismo e o Xintoísmo. Continha ainda a ameaçava de perseguição e castigo aos padres que procurassem

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

NOTAS

- 1 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. IV, J. Wicki (ed.), Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983, p. 328.
- 2 *Ibid.*, p. 228.
- 3 George Elison, “Hideyoshi, the Bountiful Minister” in *Warlords, Artists and Commoners* (eds. George Elison e Bardwell L. Smith), Honolulu, University of Hawai'i Press, 1981, p. 224.
- 4 “Quambacu: Ajudante do Rei no governo, ou defensor do reino a modo de Dictador”, Pe. Ioam Rodriguez Tçuzzu, S. I, *Arte Breve da Lingua Japoa*, fac-simile do original existente na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, com transcrição e tradução japonesa de Hino Hiroshi. Tóquio, Shiu Jinbutsu Oraí, 1993, p. 273.
- 5 Hashiba Chikuzen.
- 6 Quioto.
- 7 Luís Fróis, *Historia de Japam*, cit., Vol. IV, p. 186.
- 8 J. Jennes, *A History of the Catholic Church in Japan*, Tóquio, Oriens Institute for Religious Research, 1973, p. 53.
- 9 Jurgis Elisonas, “Christianity and the Daimyo”, in John Whitney Hall, Marius B. Jansen, Madoka Kanai, Denis Twitchett (eds.), *The Cambridge History of Japan: Early Modern Japan*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, Vol. IV, p. 363.
- 10 George Sansom, *The History of Japan*, Londres, The Cresset Press, 1965 [1961], pp. 347-348.
- 11 Este acontecimento teve lugar em 1583, após o Pe. Organtino lhe ter pedido um terreno para edificar a igreja e a residência jesuíta em Osaca.
- 12 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. IV, pp. 236-237.
- 13 *Ibid.*, p. 238.
- 14 *Ibid.*, pp. 230-232.
- 15 *Ibid.*, p. 229.
- 16 *Ibid.*, pp. 228-229.
- 17 *Ibid.*, p. 229.
- 18 Ch. Boxer, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, Berkeley, University of Califórnia Press, 1974, p. 469, apud Carta de 14 de Outubro de 1590, Jap. Sin. 2, fls. 233-236v.
- 19 “*E essendo io avvisato nell'India ch'il detto Patre Gaspar Coeglio s'andava mettendo in queste guerre gli scrissi advertendolo e reprehendendolo di tal modo che quando adesso videro li Patri le lettere, che se ritrovorono nel suo scrittorio rimasero meravigliati, perchè egli ascondeva queste lettere e non faceva saper nulla a questi di sua consulta*”. Jap. Sin. 11-II, Carta de Alessandro Valignano para Cláudio Acquaviva, de Nagasáqui, de 12-14 de Outubro de 1590, fls. 234v., J. L. Álvarez-Taladriz, *Miscelánea Japónica*, Osaca, 1978-1980, Vol. III, n.º 9, p. 103. A partir deste momento será designada por MJAT.
- 20 *Ibid.*, p. 141.
- 21 J. L. Álvarez-Taladriz, “Apuntes sobre la fusta del P. Gaspar Coelho, Viceprovincial de Japon (1583-1587)”, in *The Eichi University Review*, Feb. 1988, n.º 22, pp. 133-149.
- 22 J. Jennes, *A History of the Catholic Church in Japan*, p. 57.
- 23 Ex-bonzo que se encontrava presente na audiência e grande conselheiro de Hideyoshi.
- 24 Jap. Sin. 11-I, Carta de Organtino para Acquaviva, de Nagasáqui, a 10 de Março de 1589, fls. 70f.-70v. MJAT, Vol. III, n.º 6, pp. 63-64.
- 25 O comportamento de Gaspar Coelho e a sua intromissão nas contendas políticas japonesas e recurso a armamento e estratagemas bélicos é minuciosamente relatado por Organtino numa carta: Jap. Sin. 11-I, Carta de Organtino para Acquaviva, de Nagasáqui, a 10 de Março de 1589, fls. 66-72. MJAT, Vol. III, n.º 6, pp. 43-75.
- 26 A. Valignano, *Sumario de las cosas de Japon (1583)* (ed. J. L. Álvarez-Taladriz), Tóquio, Sophia University, 1954, pp. 147-148.
- 27 Jap. Sin. 11-II, Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 12-14 de Outubro de 1590, fls. 233-236v. Ch. Boxer, *The Christian Century in Japan...*, p. 141. MJAT, Vol. III n.º 9, pp. 99-106.
- 28 Ch. Boxer, *The Christian Century in Japan...*, pp. 144-145.
- 29 Jap. Sin. 11-II, Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 12-14 de Outubro de 1590, fls. 234v-235f. MJAT, Vol. III, n.º 9, pp. 103-104.
- 30 J. Jennes, *A History of the Catholic Church in Japan...*, p. 58.
- 31 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. IV, 1983, pp. 408-416.
- 32 *Ibidem*, pp. 401-402.
- 33 *Ibidem*.
- 34 *Ibidem*.
- 35 Cf. Jap. Sin. 11-I, Carta de Organtino para Acquaviva, de Nagasáqui, a 10 de Março de 1589, fls. 66-72.
- 36 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. IV, 1983, pp. 402-403.
- 37 *Ibidem*.
- 38 *Ibidem*.
- 39 Jap. Sin. 11I, Carta de Organtino para Acquaviva, de Nagasáqui, a 10 de Março de 1589, fl. 66v.
- 40 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. IV, pp. 404-405.
- 41 *Ibidem*, p. 405.
- 42 *Ibidem*, pp. 405-406.
- 43 *Ibidem*, pp. 406-407.
- 44 Ch. Boxer, *The Christian Century in Japan...*, p. 149.
- 45 Jap. Sin. 10-II, Carta de Pedro Ramón para Acquaviva, de Ikitçuki, de 15 de Outubro de 1587, fls. 282-285v. Takase Koichiro 高瀬弘一郎 (tra. & ed.), *Iezusu-kai to Nihon* イエズス会と日本, Tóquio, Iwanami Shoten 岩波書店, 1981 (Daikokaijidai Soshō 大航海時代叢書, Segundo Período, vol. 6, carta 3).
- 46 Na carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 12-14 de Outubro de 1590, é-nos dado a entender isso mesmo através do seguinte trecho: *Patre Belcior de Mora alla Cina (ch'era in cìd dell'istesso humore)*. A mesma opinião a que se refere Valignano é ao projecto militar europeu no Japão. Jap. Sin. 11-II, Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 12-14 de Outubro de 1590, fl. 235f.
- 47 Jap. Sin. 11-I, Carta de Organtino para Acquaviva, de Nagasáqui, a 10 de Março de 1589, fl. 67f.
- 48 Jap. Sin. 11-II, Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 12-14 de Outubro de 1590, fls. 233-236. Takase Koichiro (tra. & ed.), *Iezusu-kai to Nihon*, Daikokaijidai Soshō, Segundo Período, Vol. 6, carta 7. Ch. Boxer, *The Christian Century in Japan...*, p. 469. MJAT, Vol. III, n.º 9, pp. 99-106.
- 49 Jap. Sin. 11-II, Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 12-14 de Outubro de 1590, fl. 235f.
- 50 *Ibidem*, fl. 235f.
- 51 *Ibidem*, fl. 235f.
- 52 A. Valignano, *Sumario de las cosas de Japon*, p. 149.
- 53 Ch. Boxer, *The Christian Century in Japan...*, p. 149.
- 54 A sua morte prematura em Maio de 1590, salvou-o do castigo de Valignano, como o próprio descreve na missiva de 12-14 de Outubro de 1590.
- 55 Jap. Sin. 11-I Relação da Consulta realizada em Tacacu a 11 de Fevereiro de 1589, fls. 59-62. Takase Koichiro (tra. & ed.), *Iezusu-kai to Nihon*, Daikokaijidai Soshō, Segundo Período, vol. 6, Carta 4.
- 56 Takase Koichiro, “A Carta do Vice-Rei da Índia D. Duarte de Menezes a Toyotomi Fideyoxi. Perspectiva Japonesa インド副王ドゥアルテ・デ・メネゼスが豊臣秀吉に送った親書——日本側からの考察——”, trad. Hino Hiroshi 日埜博司訳, *Ryutsu Keizai Daigaku Ronshū*, n. 118, 1998 (Ensaio publicado pela primeira vez como *A Carta do Vice-Rei D. Duarte de Menezes a Toyotomi Fideyoxi 1588: Um Marco Histórico nas Relações Portugal-Japão*, Lisboa, Chaves Ferreira Publicações, S. A. com o patrocínio da Fundação Cidade de Lisboa, s/d.)
- 57 Jap. Sin. 11-I, Carta de Valignano para Acquaviva, de Macau, de 28 de Julho de 1589, fls. 125-126v. *Iezusu-kai to Nihon*, Takase Koichiro

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

- (tra. & ed.), *Iezusu-kai to Nihon*, Daikokaijidai Soshō, Segundo Período, vol. 6, Carta 5.
- 58 Jap. Sin 11-I, Carta de Valignano para Acquaviva, de Macau, de 22 de Setembro de 1589, fls. 140,140v., Takase Koichiro (tra. & ed.), *Iezusu-kai to Nihon*, Daikokaijidai Soshō, Segundo Período, vol. 6, Carta 5.
- 59 Ch. Boxer, *The Christian Century in Japan...*, p. 149.
- 60 Jap. Sin. 11-II, Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 10 (12) de Outubro de 1590, fls.233-236. Takase Koichiro (tra. & ed.), *Iezusu-kai to Nihon*, Daikokaijidai Soshō, Segundo Período, vol. 6, carta 7. Takase Koichiro, “A Carta do Vice-Rei da Índia...”.
- 61 Nessa altura Hideyoshi encontrava-se a terminar a unificação do Japão, lutando contra Fôgiô de Odavara.
- 62 “Foi aconselhado pelos Dáimios cristãos assim como pelos jesuítas e demais portugueses, a fazer-se acompanhar pelos tripulantes portugueses para emprestar maior dignidade e significado à missão, o que é confirmado por Fróis na História de Japam. Segundo este jesuíta, os Dáimios Curoda Yoxitaca e Conixi Yukinaga escreveram a Valignano aconselhando-o a dar maior relevo à representação de seculares portugueses em detrimento dos padres, conselho esse que foi dado também por Arima Farunobue Vômura Yoxiaki. Curoda Yoxitaca converteu-se ao Cristianismo em 1585 (13 anos da era Tenxō) e foi um dos maiores protectores da Igreja Católica depois de Tacayama Ukon ter sido desterrado na sequência do édito anti-cristão de 1587”. Takase Koichiro, “A Carta do Vice-Rei da Índia...”.
- 63 Este episódio é descrito com particular detalhe por Valignano numa Relação que faz sobre a embaixada a Hideyoshi:
 “Con la venida de estos dos señores se renovarían nuestros cuidados y trabajos, porque como uno de ellos nos acusara a Quambaco y, de Miaco nos escribieron que venía muy enfadado contra nosotros, con comisión de derribar las iglesias, etc., y el otro estan cruel enemigo de Aryma y de Omura, no se podía esperar con su venida otra cosa que trabajos, todavía aunque entraron aquí muy alterados contra nosotros, se vieron en seguida tan empachados con los portugueses que al punto comenzaron a entender que no podía haber concierto entre ellos sino por medio de nosotros, y así poco a poco comenzaron a ablandarse y a mandar diversos recados de cumplimientos y buenas formas, tomándonos por terceros en sus negocios, y aunque ellos querían de los portugueses lo que de ninguna manera les habían de dar si no fuesen forzados, porque solamente en la compra de mil panes de oro les quisieron tomar treinta mil taeles, idest cruzados, sin embargo, Nuestro Señor nos ayudó de modo que si bien no se concluyó nada y ellos después de estar aquí cerca de un mes se fueron sin conseguir lo que deseaban y los portugueses quedaron con lo suyo, con todos ellos quedaron también muy satisfechos de nosotros, y entendieron, conforme a lo que dijeron muchas veces, que este puerto y el comercio de la nao no se podían sustentar sin estar aquí Padres.” Jap. Sin. 11-II. Carta de Valignano para Cláudio Acquaviva, de Nagasáqui, de 6, 9 e 22 de Outubro de 1591, fl. 248f. *MJAT*, Vol. II, n.º 12, p. 52.
- 64 Takase Koichiro, “A Carta do Vice-Rei da Índia...”. *Sagaken Shiryô Shûsei: Komonjo-hen* 佐賀県史料集成古文書編, III, 1958, pp. 282-285.
- 65 “En Miaco, así delante de Quambaco como de otros sus grandes y privados, se trató muchas veces si echando fuera a los Padres totalmente vendría esta nao a Japón y unos decían que no y otros que sí, y aunque Quambacundono dijo una vez públicamente que aunque se perdiese por eso el trato de la nao no había de dejar en Japón ningún Padre, todavía como esta nao es la principal riqueza y remedio de Japón, así él en su exterior como todos los demás japoneses se entiende que viven con gran recelo de que no venga aquí más la nao si del todo se echaran fuera los Padres, y parece que Nuestro Señor tomó este medio para servir como de freno de este Quambacundono, porque si no hubiese este recelo parece que ya actum esset de nosotros, aunque a Nuestro Señor no le faltarian otros medios para impedir esta mala voluntad suya que tiene.” Jap. Sin. 11-II. Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 6, 9 e 22 de Outubro de 1591, fls. 248f-248v. *MJAT*, Vol. II, n.º 12, p. 53.
- 66 Ao que parece, segundo as fontes jesuítas, a sugestão que que esta situação fosse esclarecida foi sugerida pelo governador de Quioto, Mayeda Gheny, a Hideyoshi, para que desta forma ilibasse os missionários. As questões que João Rodrigues teria de responder a Hideyoshi seriam levadas pelo mesmo Mayeda Gheny e por um nobre importante chamado Kyogoku Takatsugu (*Ochu*, nas fontes jesuítas).
- 67 O diálogo estabelecido entre Rodrigues e Hideyoshi é descrito na carta de Valignano e nele sobressaem as qualidades diplomáticas deste português, qualidades essas que o determinariam o papel relevante que ocuparia tanto na Companhia de Jesus como junto de Hideyoshi e Ieyasu. Jap. Sin. 11-II. Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 6, 9 e 22 de Outubro de 1591, fl. 250f. *MJAT*, Vol. II, n.º 12, p. 57.
- 68 Jap. Sin. 11-II. Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 6, 9 e 22 de Outubro de 1591, fl. 249f. *MJAT*, Vol. II, n.º 12, p. 56.
- 69 Sobre este assunto Valignano escreveria, algum tempo depois, uma carta para Cláudio Acquaviva onde expressava o seu contentamento pelo resultado positivo da embaixada. Jap. Sin. 12-I, Carta de Valignano para Acquaviva, de Macau, a 1 de Janeiro de 1593, fls. 3-4. *MJAT*, Vol. I, n.º 20, pp. 13-18.
- 70 “Y para asegurar este comercio y el retorno del presente que envía, ordeno que quedasen en el puerto de Nangazaque diez de mis compañeros, lo qual fue para los nuestros materia de grande alegría y consuelo. Porque a lo sembra de estos diez podrían quedar pacíficamente todos los otros, y cesaría el temor de ser nuevamente acusados y perseguidos después de mi partida.” Jap. Sin. 12-I, Carta de Valignano para Acquaviva, de Macau, a 1 de Janeiro de 1593, fls. 3-4. *MJAT*, Vol. I, n.º 20, p. 14.
- 71 Luís Fróis, *op. cit.*, Vol. V, pp. 371-372.
- 72 “Y así hasta ahora, que son 5 de octubre, no tiene todavía Quambacundono dada esta respuesta, aunque ya tenemos nuevas que ha mandado preparar algunas cosas para enviarlas de presente al Virrey, y que también ha hecho escribir la respuesta en que dice que ellos tienen aquí leyes contrarias, destructoras de los Camis y Fotoques, los había hechado él de Japón y no querían de ningún modo que estuviesen aquí, y se quedase alguno de ellos, o volviese a venir aquí a predicar esta ley, los había de mandar matar sin quedar memoria de ellos, y que el Virrey lo tuviese por bien así. Y aunque el P. Organtino me escribió que ya tenía escrita esta carta y estaba para despacharlos con esta respuesta y con los presentes que mandaba al Virrey, hasta ahora, como digo, no ha venido.” Jap. Sin. 11-II. Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 6, 9 e 22 de Outubro de 1591, fls. 244v-245f. *MJAT*, Vol. II, n.º 12, pp. 45-46. Num outro trecho adianta-nos outros pormenores que coincidem com o parágrafo número três do rascunho de Nara: “mandó también hacer otros capitulos contra nosotros, semejantes a los que hizo en Facata, diciendo que nos echaba de Japón por predicar una ley mala e deshacer los templos de los Camis y Fotoques”. Jap. Sin. 11-II. Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 6, 9 e 22 de Outubro de 1591, fl. 248v. *MJAT*, Vol. II, n.º 12, p. 53.
- 73 Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. V, p. 377.
- 74 *Ibid.*, p. 371.
- 75 Jap. Sin. 11-I, fls. 125-126v.
- 76 Jap. Sin. 11-II. Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 6, 9 e 22 de Outubro de 1591, fl. 250v. *MJAT*, Vol. II n.º 12, p. 57.
- 77 “Tomó también a su cargo hacer mudar la carta que Quambacundono tenía escrita al Virrey, haciendo traer el traslado de ella delante del Hermano [João Rodrigues] y examinando con él lo que parecía que se había de quitar.” Jap. Sin. 11-II. Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 6, 9 e 22 de Outubro de 1591, fl. 250f. *MJAT*, Vol. II, n.º 12, p. 58.
- 78 Jap. Sin. 11-II. Carta de Valignano para Acquaviva, de Nagasáqui, de 6, 9 e 22 de Outubro de 1591, fl. 250f. *MJAT*, Vol. II, n.º 12, p. 57.

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

**RASCUNHO DO TEXTO DA CARTA DE FIDEYOXI
AO VICE-REI, DATADA DE 12 DE SETEMBRO
DE 1592**

1 Recebi a carta que Vossa Senhoria me mandou de terras mui afastadas, a qual, abrindo e lendo-a, me parecia de ver a distancia de milhares de legoas que há por mar e por terra. E, como nela dizia, este reyno de Japão comprehende mais de sessenta estados e senhorios, nos quaes pelo discurso do tempo passado houve grandes perturbações e guerras, e pouca quietação e paz, porque os maos e perverso[s], maquinando traições, se ajuntarão em grande numero, não querendo obedecer aos mandados d'El Rey. Pelo qual eu na flor de minha idade de continuo me entristecia e affligia, e de longe fui considerando o modo maravilhoso e importante para sojeitar as gentes e governar bem os reynos, fundando-me em três virtudes, scilicet, amorosa affabilidade em tratar com os homens, discreta prudencia em julgar as couzas, e esforço e valor de animo; com as quaes sojeitei e governo todos estes reynos, tendo compaixão dos lavradores que trabalham em cultivar a terra, e favorecendo-os, e opprimindo e castigando rectamente os homens. E com isto restitui a paz e tranquillidade a estes reinos, e em breves annos se unio a Monarquia de Japão e ficou tão forte e quieta como huma pedra muy grande que se não pode abalar; e assim athé dos reynos estranhos e lugares remotos vierão conhecer sojeição e dar obediencia. Pelo qual agora por todas as quatro partes destes reynos hé El-Rey, meu prudente senhor, obedecido, e por sua ordem exercitei e manifestei o poder de bom capitão, de maneira que todos estes estados lhe estão sojeitos, matando eu os maos e perversos; e tirando os ladrões por mar e por terra, faço viver em paz os lugares, familias e povos de todos estes reinos, de modo que gozão agora de huma summa tranquillidade. E em todo cazo tenho determinado que hei-de passar a tomar o reyno da China, e em breves dias navegarei para lá, nam tendo duvida de o sojeitar à minha vontade. E assim chegando-me mais para esses reynos haverá commodidade para mais e mais nos comunicarmos.

**TRADUÇÃO DA CARTA ENVIADA
AO VICE-REI QUE SE ENCONTRA COPIADA
POR LUÍS FRÓIS**

1 Recebi a carta que Vossa Senhoria me mandou de terras mui afastadas, a qual, abrindo e lendo-a, me parecia de ver a distancia de milhares de legoas que há por mar e por terra. E, como nela dizia, este reyno de Japão comprehende mais de sessenta estados e senhorios, nos quaes pelo discurso do tempo passado houve grandes perturbações e guerras, e pouca quietação e paz, porque os maos e perverso[s], maquinando traições, se ajuntarão em grande numero, não querendo obedecer aos mandados d'El Rey. Pelo qual eu na flor de minha idade de continuo me entristecia e affligia, e de longe fui considerando o modo maravilhoso e importante para sojeitar as gentes e governar bem os reynos, fundando-me em três virtudes, scilicet, amorosa affabilidade em tratar com os homens, discreta prudencia em julgar as couzas, e esforço e valor de animo; com as quaes sojeitei e governo todos estes reynos, tendo compaixão dos lavradores que trabalham em cultivar a terra, e favorecendo-os, e opprimindo e castigando rectamente os homens. E com isto restitui a paz e tranquillidade a estes reinos, e em breves annos se unio a Monarquia de Japão e ficou tão forte e quieta como huma pedra muy grande que se não pode abalar; e assim athé dos reynos estranhos e lugares remotos vierão conhecer sojeição e dar obediencia. Pelo qual agora por todas as quatro partes destes reynos hé El-Rey, meu prudente senhor, obedecido, e por sua ordem exercitei e manifestei o poder de bom capitão, de maneira que todos estes estados lhe estão sojeitos, matando eu os maos e perversos; e tirando os ladrões por mar e por terra, faço viver em paz os lugares, familias e povos de todos estes reinos, de modo que gozão agora de huma summa tranquillidade. E em todo cazo tenho determinado que hei-de passar a tomar o reyno da China, e em breves dias navegarei para lá, nam tendo duvida de o sojeitar à minha vontade. E assim chegando-me mais para esses reynos haverá commodidade para mais e mais nos comunicarmos.

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

2 Quanto aos Padres, este reyno de Japão hé reyno dos camis, os quaes temos que são huma mesma couza com o Xin que hé principio de todas as couzas, o qual Xin hé a substancia e verdadeiro ser de todas ellas; e assim todas as couzas são huma mesma couza com este Xin e nelle se rezolvem. O qual se chama na China Ju tô e no Tengicu Buppó. E na observancia das leys destes camis, consiste toda a policia e governo de Japão, a qual policia nam se guardando não se conhece a diferença entre os senhores e vassalos, e pelo contrario guardando-se, se perfeiçoa a união que deve de haver entre elles, e entre os pays e filhos e maridos e mulheres; pelo qual assim o governo interior, como exterior dos homens e dos reynos, está posto na observação desta união e policia.

3 E os Padres vierão estes annos atraz a estes reynos a ensinar outra ley para salvar os homens, mas, porquanto nós outros estamos assentados nestas leys dos camis, não temos para que desejar de novo outras leys: porque mudando a gente varias opiniões e leys, hé couza prejudicial para o reyno, e por esta cauza tenho mandado que os Padres se vão de Japão, e prohibido que se não promulgasse esta ley, e que nenhuma pessoa venha daqui adiante a pregar leys novas a esta terra. Com tudo isto desejo que tenhamos communicação, a qual de lá querendo, está este reino franco e limpo de ladrões por mar e por terra; e aos que vierem com suas mercadorias, dou licença que possam vir e vender tudo livremente sem ninguem os impedir, e V. Senhoria assim o haja por bem e faça disto entendimento.

Recebi as couzas que me mandou de presente dessas partes do Sul, todas assim como na sua me dizia, com as quaes folguei; e mando outras destes reynos com hum rol em outro papel apartado, com as peças e nomes de quem as fez. E no mais me remeto ao embaixador que o diga, e por isso não sou mais largo.

Escrita aos 20 anos da hera Tenxó, aos 25 dias da setima lua.

E no fim está a chapa de seo sello.

Takase Koichiro, “A Carta do Vice-Rei da Índia D. Duarte de Menezes a Toyotomi Fideyoxi. Perspectiva Japonesa”.

2 Quanto aos Padres, este reyno de Japão hé reyno dos camis, os quaes temos que são huma mesma couza com o Xin que hé principio de todas as couzas, o qual Xin hé a substancia e verdadeiro ser de todas ellas; e assim todas as couzas são huma mesma couza com este Xin e nelle se rezolvem. O qual se chama na China Ju tô e no Tengicu Buppó. E na observancia das leys destes camis, consiste toda a policia e governo de Japão, a qual policia nam se guardando não se conhece a diferença entre os senhores e vassalos, e pelo contrario guardando-se, se perfeiçoa a união que deve de haver entre elles, e entre os pays e filhos e maridos e mulheres; pelo qual assim o governo interior, como exterior dos homens e dos reynos, está posto na observação desta união e policia.

3 E os Padres vierão estes annos atraz a estes reynos a ensinar outra ley para salvar os homens, mas, porquanto nós outros estamos assentados nestas leys dos camis, não temos para que desejar de novo outras leys: porque mudando a gente varias opiniões e leys, hé couza prejudicial para o reyno, e por esta cauza tenho mandado que os Padres se vão de Japão, e prohibido que se não promulgasse esta ley, e que nenhuma pessoa venha daqui adiante a pregar leys novas a esta terra. Com tudo isto desejo que tenhamos communicação, a qual de lá querendo, está este reino franco e limpo de ladrões por mar e por terra; e aos que vierem com suas mercadorias, dou licença que possam vir e vender tudo livremente sem ninguem os impedir, e V. Senhoria assim o haja por bem e faça disto entendimento.

Recebi as couzas que me mandou de presente dessas partes do Sul, todas assim como na sua me dizia, com as quaes folguei; e mando outras destes reynos com hum rol em outro papel apartado, com as peças e nomes de quem as fez. E no mais me remeto ao embaixador que o diga, e por isso não sou mais largo.

Escrita aos 20 anos da hera Tenxó, aos 25 dias da setima lua.

E no fim está a chapa de seo sello.

Luís Fróis, *Historia de Japam*, Vol. V, pp. 375-377.